

SUCESSO É SER ALGUÉM NA VIDA: REPENSANDO JUVENTUDES, RACISMO E SUCESSO ESCOLAR.

Success is being someone in life: Rethinking Youth, racism, and school success.

Gerusa Faria Rodrigues¹

Universidade Católica de Petrópolis - UCP

Débora Breder²

Universidade Católica de Petrópolis-UCP

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar e discutir os resultados de uma pesquisa, que teve como objetivo geral compreender de que maneira se constituem as trajetórias de sucesso de estudantes negras e negros do Ensino médio, de um Colégio estadual localizado na cidade de Petrópolis, considerando a articulação entre os capitais (cultural, social e econômico). A pesquisa foi realizada por meio de uma observação participante que incluiu rodas de conversas e entrevistas gravadas com estudantes, professores e demais funcionários da Instituição. Como referencial teórico apoiamos-nos em Bourdieu, na compreensão da articulação entre os capitais; em Lahire, na discussão sobre sucesso escolar nas classes populares; e em Gonçalves e Silva, entre outros autores que discutem questões raciais, racismo e juventude negra. Neste artigo buscamos trazer a perspectiva de sucesso de alunas e alunos, professoras e Escola. Foi possível perceber que para a instituição escolar o sucesso está atrelado a notas e resultados; já para os estudantes e suas famílias, não raro, concluir o Ensino médio sem interrupções pode ser considerado uma forma de sucesso e de melhoria na qualidade de vida.

Palavras chave: Juventudes, racismo, sucesso escolar.

ABSTRACT

The present work to present and discuss the results of a research, which had as its general objective to understand how the successful trajectories of black high school students from a state school located in the city of Petrópolis are constituted, considering the articulation between capitals (cultural, social and economic). The research was carried out through a participant observation that included rounds of conversations and recorded interviews with students, teachers, and other employees of the Institution. As a theoretical reference, we rely on Bourdieu, in understanding the articulation between capitals; in Lahire in the discussion of academic success in the popular classes; and in Gonçalves e Silva, among other authors who discuss racial issues, racism and black youth. In this article we seek to bring the perspective of success of

¹ Doutora em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Professora no curso de Pedagogia na Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Petrópolis, Rio de Janeiro, BR. Endereço para correspondência: Rua Benjamin Constant 213, Centro, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, CEP: 25610-081. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0070-5863> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7389856751739873> .. E-mail: Gerusa.rodrigues@ucp.br

² Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com estágio doutoral na École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris(2006). Professora Adjunta na Universidade Católica de Petrópolis(UCP), no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE- UCP). Petrópolis, Rio de Janeiro, BR. Endereço para correspondência: Rua Benjamin Constant 213, Centro, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, CEP: 25610-081. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8785-4265> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5541514968724931>.E-mail: debora.breder@ucp.br

students, teachers and school. It was possible to perceive that for the school institution, success is linked to grades and results, for students and their families, completing high school without interruption can often be considered a way of success and improvement in quality of life.

Keywords: Youth, racism, school success.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar y discutir los resultados de una investigación, que tuvo como objetivo general comprender cómo se constituyen las trayectorias exitosas de estudiantes secundarios negros de una escuela pública en la ciudad de Petrópolis, considerando la articulación entre los distintos capitales (cultural, social y económica). La investigación se llevó a cabo a través de observación participante que incluyó entrevistas con estudiantes, profesores y demás agentes de la Institución. Como referente teórico, nos apoyamos en Bourdieu, en la comprensión de la articulación entre capitales; en Lahire, en la discusión del éxito académico en las clases populares; y en Gonçalves e Silva, entre otros autores que discuten cuestiones raciales, el racismo y la juventud negra. En este artículo buscamos traer la perspectiva de éxito de los estudiantes, profesores y otros agentes de la escuela. Se pudo percibir que para la institución escolar el éxito está ligado a notas y resultados; y que para los estudiantes y sus familias, completar la escuela secundaria, sin interrupción, a menudo puede considerarse una forma de éxito y mejora en la calidad de vida.

Palabras clave: Juventud, racismo, éxito escolar

Introdução

*(...) Minha família me faz querer vencer
Mas também me apoiam mesmo se eu perder
Pelo meu sonho, eu vou correr
Tudo que eu quero eu vou ter (...)
Milene – (Livre), 2022.*

Neste artigo nos propomos a apresentar um recorte da pesquisa realizada sobre a constituição de trajetórias escolares de sucesso de jovens negras e negros, procurando compreender em que medida os diferentes capitais – social, cultural e econômico – se correlacionam nesta construção (Rodrigues 2022). Os estudantes que se tornaram nossos interlocutores de pesquisa estavam matriculados nos cursos Regular, Técnico em Química e Técnico em Áudio e vídeo de um Colégio estadual no Município de Petrópolis. O referido estudo foi realizado entre os meses de fevereiro e agosto de 2022, utilizando observação participante, rodas de conversa, entrevistas individuais, com gravação de áudios.

Assim, buscamos compreender o que é “sucesso” para esses jovens, considerando diferentes pontos de vista. A perspectiva da escola, materializada na concepção de professores e orientadoras, também foi considerada.

Mas como definir o “sucesso escolar”? Como chegar aos fatores, ou construções sociais, que são apontados como determinantes para o sucesso? É possível compreender sucesso da mesma

forma para estudantes negros e brancos? O verso apresentado na epígrafe, é parte de um rap escrito por uma aluna do curso de Química. Intitulado *Libre*, o rap fala da ideia de sucesso atrelada à possibilidade de, por meio da educação, ter uma condição de vida melhor e, assim, poder também melhorar a vida de sua família, o que é uma perspectiva de sucesso muito particular. Mas será este o tipo de sucesso almejado pelos estudantes negros?

De acordo com os estudos empreendidos por Maria Helena de Souza Patto, nos anos de 1980, registrados no livro: *A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia*, análises aprofundadas, e ainda hoje pertinentes, desvelaram o longo percurso de construção histórico-social do fracasso escolar. O discurso sobre as questões pedagógicas, problemas sociais, problemas médicos e psicológicos integraram, e ainda integram, a gama de fatores que são atribuídos às razões pelas quais os estudantes das classes populares fracassam. Tais alegações giram em torno da falta de compromisso familiar, desinteresse pela cultura escolar, vulnerabilidade social, problemas de aprendizagem, falta de capital cultural e linguístico.

Dito isto, é preciso deixar claro que o objetivo da pesquisa realizada não foi identificar as razões do fracasso escolar; ao contrário: tratou-se de pensar o sucesso escolar dos estudantes negros e negros das classes populares, no Ensino médio. Apoiamo-nos nos estudos de Bourdieu (1998), para compreender certos aspectos da trajetória social desses estudantes, considerando essas trajetórias como o produto das relações objetivas e das interações intersubjetivas entre os agentes e as forças presentes no campo.

Fracasso escolar: é o que devemos esperar dos estudantes negros?

Na educação formal, os resultados obtidos pelas alunas e alunos são os balizadores do “sucesso” ou “fracasso escolar”, passando por aprovações, reprovações e evasão escolar. Comumente, os progressos na aprendizagem ou mesmo as transformações que a educação é capaz de produzir nos estudantes não são considerados para fins de identificar o “sucesso” ou “fracasso escolar”. Os estudos apontam que o fracasso escolar atinge em grande parte os estudantes negros, por fatores variados como vulnerabilidade social, aspectos socioeconômicos e o capital cultural – conceito desenvolvido por Bourdieu, em meados dos anos de 1960, para compreender as desigualdades de rendimento escolar entre os alunos das camadas populares, deslocando o foco das questões individuais, como talento, aptidão ou dom, para as questões sociais (Piotto e Nogueira, 2021).

De acordo com a pesquisa realizada por Louzano (2013), ser preto aumenta a probabilidade de fracasso escolar em todas as regiões do país. Em todos os níveis de educação, os negros tendem a repetir e abandonar a escola mais do que os colegas brancos e pardos. Essas informações confirmam que o fracasso escolar é mais expressivo entre estudantes negros.

Ao discutir a construção da negritude das crianças como uma alternativa para a construção do sucesso escolar, Gonçalves e Silva expõe a gama de preconceitos atribuídas às crianças negras:

Essa distância tem levado a que se avalie o insucesso escolar de muitas crianças negras, erradamente, atribuindo-o desde a falta de preparo, capacidade, até à falta de acesso a livros, jogos eletrônicos, passeios, viagens. A falta de diálogo entre escolas, famílias, comunidades, movimentos sociais têm levado a imaginar, equivocadamente, que as vivências de crianças negras fora da escola muito pouco ou em nada podem contribuir para aprendizagens escolares (Gonçalves e Silva, 2015, p. 13).

A escola atribui aos estudantes negros o próprio fracasso, pois, como apontado anteriormente por Gonçalves e Silva (2015), as experiências vividas pelos estudantes negros não são consideradas ou vistas como relevantes. Os estudantes são vistos como desprovidos de capital cultural para que aprendam os conteúdos escolares, que estão diretamente atrelados à cultura das classes dominantes. A educação escolar mantém seu caráter elitista e etnocêntrico, não levando em consideração a ampliação do acesso às classes populares. E desde o período da expansão, em meados da década de 1980, todas as reformulações nas propostas e currículos oficiais, principalmente nas escolas públicas, mantiveram este caráter elitista, não privilegiando os saberes produzidos pelas classes populares, dificultando, assim, a permanência e o “êxito” desses jovens.

A reprovação faz com que os estudantes acabem atrasados em relação aos colegas da mesma idade. Em 2018, segundo o Unicef, o Brasil tinha 6.474.641 alunos com dois ou mais anos de atraso escolar. Isso representa 22% do total de matrículas nos três níveis de ensino, corroborando com os dados obtidos pelas pesquisas relacionadas ao tema, que indicam os estudantes negros como os mais propensos ao fracasso escolar devido à discriminação presente nas estruturas escolares, fazendo com que os jovens sintam as diferenças nas oportunidades educativas.

Na tese defendida por Sandra Marcelino sobre insucesso e sucesso escolar (2019), a pesquisadora observou que:

Os principais resultados indicam que se estudantes negros tivessem os mesmos recursos dos brancos, diferenças de desempenho diminuiriam em quase 50%, e se tivessem os mesmos retornos educacionais, as desigualdades diminuiriam mais de 40%. No entanto, apesar dessas alterações, o peso da cor da pele sustenta uma desigualdade efetivamente mantida mesmo em situações equivalentes entre brancos e negros (MARCELINO, 2019, p. 45).

Sucesso é ser alguém na vida: repensando juventudes, racismo, e sucesso escolar

Este é um dado que precisa ser considerado e repensado nas práticas educativas, para que possa haver equidade no sistema educacional. O insucesso é o que se espera deste grupo de alunas e alunos que são estereotipados como “bagunceiros”, “desinteressados” e “problemáticos”. Alunos que mesmo passando por todas as questões mencionadas, conseguem construir estratégias e trilhar caminhos que, mesmo não sendo considerados como êxito escolar convencional, possibilitam que concluem o Ensino médio e obtenham resultados positivos. Ou seja, considerando outras formas de “sucesso escolar”, é possível esperar que jovens negros quebrem o ciclo de repetências e abandono.

Como vemos no relato de um aluno do curso de Áudio e Vídeo, percebemos outra perspectiva de “sucesso”, que ultrapassa as definições restritas e restritivas da escola:

Pesquisadora: O que é sucesso pra vocês? O que é ter sucesso?

Elisa: É quando a gente se sente bem. Igual ele falou, sentir feliz, sentir confortável, alegre. E você chega onde você sempre quis, né? Por exemplo, a gente sempre fala que tinha todo mundo aqui é unido, a gente realmente tem uma família.

Marcos. Então acho que essa sala é uma sala de sucesso, porque a gente pode conversar o que a gente quiser, a gente pode é ah estou mal. A gente vai, a gente vê que a pessoa está mal. Então a gente vai lá, conversa, dá abraço, a gente sabe então acho que isso é sucesso pra mim (Turma 3002, AV, 2022).

O relato sugere um novo olhar das estudantes negras e negros, pois nesta turma a maioria dos estudantes são negros e participaram das conversas propostas pelas pesquisadoras. Na turma não havia estudantes em situação de fracasso escolar: ainda que nem todos obtêm notas muito acima da média dos 6,0 pontos, tampouco apresentam problemas no rendimento. Nessa ótica, portanto, o “fracasso” não é o que se espera deste grupo de estudantes negras e negros.

E afinal, o que é sucesso? Vamos conseguir alcançar?

*“Ter sucesso é ter armário e geladeira cheios”!
Michele, curso de Química, 2022*

Analisar o ponto de vista de alunos e de professores sobre “sucesso”, foi uma das questões mais complexas da pesquisa. Primeiro, por se tratar de uns dos pilares do estudo, compreender o que é sucesso para estudantes, escolas e suas famílias; segundo, porque queremos compreender como as trajetórias de sucesso dos estudantes negros se constituem.

Na pesquisa realizada por Bernard Lahire, nos subúrbios de Lyon (França), no ano de 1991, com o objetivo de entender quais eram os fatores determinantes para o sucesso escolar das classes populares, o pesquisador fez considerações que podem ser relacionadas a esta pesquisa – embora seu estudo tenha sido realizado com crianças da 2ª série primária francesas (o que equivale ao nosso atual 3º de escolaridade do Ensino fundamental), com filhos de imigrantes de países da África, e não ter como foco as questões raciais. Houve o entendimento que para a construção do sucesso é

necessário compreender uma série de singularidades e hipóteses, dentre elas que não existe uma única maneira de se obter “sucesso escolar”, pois os estudantes podem obter “êxito” em aspectos distintos (resultados, ou deixando explícito que dominam as regras da cultura escolar), como pode ser observado no trecho a seguir:

Estes diferentes modelos implícitos ou explícitos de “sucesso” (que cada pesquisador, segundo sua própria trajetória social, tem tendência a universalizar) tendem a fazer esquecer que as combinações entre as dimensões moral, cultural, econômica, política, religiosa podem ser múltiplas... e que os graus de “êxito” comparáveis sob o ângulo dos desempenhos, dos resultados podem esconder às vezes estilos de “sucesso” diferentes. E se podem existir estilos diferentes de “êxito” é porque a escola primária propõe objetivamente, por seus múltiplos aspectos, uma relativa heterogeneidade de modelos de “sucesso” escolar (“sucesso” através do ofício de aluno ou de desempenhos brilhantes, através de qualidades literárias ou científicas, em uma forma “tímida” ou “arriscada”, “rigorosa” ou “criativa”...) (Lahire, 2008, p. 31).

E são estas múltiplas formas de “sucesso”, que o autor cita no fragmento apresentado, que foram surgindo ao longo de toda a pesquisa nas falas de nossos interlocutores de pesquisa: estudantes, professoras e a equipe técnica. Os estudantes criam estratégias baseados em suas experiências individuais e coletivas, burlando as dificuldades e construindo suas trajetórias – e alcançam o que consideram, de seus respectivos pontos de vista, “sucesso”.

A permanência na escola e o “sucesso escolar”

Muitas foram as dificuldades enfrentadas pelos estudantes do Ensino médio para permanecerem no Colégio, pois a pandemia de covid-19 aumentou muito as desigualdades e os problemas sociais. O desemprego e a perda de renda assolaram várias famílias, e estes foram problemas abordados de forma recorrente pelos estudantes que participaram das conversas.

Uma questão muito mencionada nas conversas com os alunos foi o fato de que vários estudantes tiveram que trocar o curso técnico, ofertados em tempo integral, pelo regular – troca esta efetuada para que pudessem trabalhar. As professoras entrevistadas mencionaram o grande esvaziamento das turmas da 3ª série do turno da tarde, já que grande parte da oferta de trabalho ocorre justamente nesse período, impossibilitando, assim, a permanência no Ensino médio neste turno e, conseqüentemente, sua conclusão.

Boa parte dos estudantes dos cursos Técnicos – cerca de 40% – são oriundos da Baixada Fluminense, principalmente de Duque de Caxias e Magé. Nas rodas de conversa os estudantes narraram as dificuldades de deslocamento que enfrentam diariamente. Eles saem de suas residências às 5h/5h30min e retornam por volta das 20h/21h. Com esta jornada extenuante, resta pouco tempo para o convívio familiar e mesmo para a realização das tarefas dos cursos, fazendo com que em alguns momentos falem às aulas para a realização dos trabalhos. Esses estudantes enfrentam ainda os problemas com o transporte público; conforme explicam, às vezes os cartões

não são recarregados pelo setor responsável na rede estadual, os motoristas não aceitam as declarações escolares que comprovam a matrícula, obrigando as famílias a dispenderem recursos financeiros para a passagem dos estudantes.

Já para as alunas e alunos do curso Regular, as dificuldades encontradas, na maioria das vezes, não passam por questões de transporte, mas pela necessidade de trabalhar para auxiliar na renda familiar, diminuindo a expectativa de ingresso no Ensino superior logo após a conclusão do Ensino médio. De acordo com as falas dos próprios alunos, uma grande parte não dará continuidade aos estudos. Falta perspectiva, expectativas de carreiras e melhorias na qualidade de vida, como é possível constatar nos trechos extraídos das conversas em uma turma do curso regular:

Pesquisadora: *Como a família de vocês vê a escola? O estudo?*

Jéssica: *Porque é importante, entendem? É importante estudar, né? Pra nós tentar ser alguém na vida, né? Mas não vai ser. Porque tá tudo cada vez mais difícil. Porque você acha que a maioria não vai ser alguém na vida. Porque eu acho que a maioria aqui não vai ser.*

Pesquisadora: *Por que você acha isso?*

Jéssica: *Eu estou falando do contexto geral, tá gente? Escola geral, entendem? Não estou falando, aqui só na turma não. Ué, porra, dificuldade na caminhada, cara. A maioria não vai continuar por ter que trabalhar, por ter que fazer alguma coisa. Então, a maioria vai deixando isso cada vez mais pra lá (estudar). Pois é. Acaba que vai desistir. Entendeu?!*

Cauã: *Com certeza!* (Turma 3004 do curso Regular, 2022).

O conteúdo dessas falas aqui transcritas não surgiu apenas nessa turma do curso regular; surgiu também em outras e as professoras entrevistadas, Cássia e Andreia, disseram ouvir dos alunos que muitos terão que trabalhar e, portanto, não têm expectativas em relação ao ensino superior. Muitos não têm ideia a respeito dos cursos de graduação e das possibilidades que a cidade de Petrópolis poderia oferecer no que diz respeito a cursos superiores e carreiras. As possibilidades de acesso ao Ensino superior são díspares, e esta variação se deve à falta de condições financeiras e de perspectiva de quebrar o ciclo das desigualdades vividas pelos jovens das classes populares. Em outras palavras, falta para esses estudantes e suas famílias capital econômico e cultural para poderem vislumbrar uma possibilidade concreta de acesso ao Ensino superior.

Em *A escola conservadora: desigualdades frente à escola e à cultura*, Bourdieu (2007) já observava que as possibilidades de acesso e permanência no ensino superior são escassas para os estudantes dos estratos sociais mais baixos. Para o autor, em uma sociedade de classes a escola contribui para a reprodução das desigualdades sociais ao não fornecer explicitamente o capital cultural que ela exige implicitamente de todos os alunos, não obstante as diferenças em relação aos seus respectivos universos sociais de origem. Como nota o autor, referindo ao *destino social* que a escola invariavelmente ajuda a “cumprir”,

As atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças e, muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar, e do futuro oferecido

pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à sua posição social (Bourdieu, 2007, p. 42).

De acordo com os estudantes, seus pais, contudo, acreditam na mobilidade social proporcionada por meio da educação, principalmente quando comparam a situação dos filhos na escola com a de outros membros do núcleo familiar que não conseguiram concluir a Educação básica e estão na informalidade ou desempregados. Assim, conseguir subverter o *destino social* através da conclusão do Ensino médio pode ser considerado como uma forma de “sucesso”, já que para muitos desses alunos não cursar o Ensino superior constitui um fato altamente provável.

Com efeito, os entraves aos quais as alunas negras e alunos negros são submetidos para permanecer no Colégio fazem com que o término do Ensino médio – independente das notas obtidas ao longo de suas trajetórias escolares – possa ser considerado um “sucesso” por esses estudantes e por suas famílias, pois acreditam que terminar a Educação básica poderá oferecer oportunidades de empregos melhores e condições de vida mais dignas. Esta visão de sucesso acompanha, sobretudo, as alunas e alunos dos cursos técnicos, que poderão ingressar no mercado de trabalho após a conclusão.

As famílias destes estudantes fazem um investimento na formação escolar, acreditando que suas filhas e filhos terão mais oportunidades na vida. De acordo com Lahire (2008), mesmo que algumas famílias não tenham condições de priorizar a educação dos filhos e que os estudantes, em muitos casos, necessitem trabalhar para compor a renda familiar, elas consideram, contudo, que a escola serve para ensinar uma profissão aos filhos que não seja “suja e “dura” e evitar o desemprego, alcançando, assim, o tão almejado “sucesso”.

Em suma, as políticas de ações afirmativas precisam ser ampliadas abrangendo a Educação básica, principalmente os jovens do Ensino médio. É preciso assegurar a esta parcela da população a aquisição de capital cultural institucionalizado que permita, independentemente dos programas de inserção no ensino superior, o ingresso nas universidades públicas (Oliveira, 2015).

Sucesso no Colégio, sucesso na vida, é isso que buscamos

Nas muitas conversas realizadas ao longo da pesquisa com estudantes, professoras e funcionários, quase sempre encerrávamos buscando compreender qual era a ideia de “sucesso” que tinham; e diferentes pontos de vista foram apresentados a respeito.

Para os estudantes, o sucesso na vida está desvinculado do “sucesso” na escola, haja visto que o “sucesso” na escola está diretamente atrelado aos resultados obtidos: só tem sucesso quem tira boas notas. O resultado expresso numericamente na avaliação é o resultado do esforço individual, e em alguns casos coletivos, uma espécie de recompensa pelo esforço empreendido.

Os estudantes indicam a importância na nota na cultura escolar, ratificando o estereótipo de que se estuda para obter as notas no final, e não conhecimento. Que a recompensa pelo esforço é a nota, o bom resultado; e para se obter “sucesso na vida” é preciso passar pela escola. Nas conversas, a conclusão do Ensino médio sempre figura como o momento em que “o sucesso vai chegar”, comprovando que a conclusão desta etapa da escolarização vai ser vista como alcance do “êxito” tão aguardado. A compreensão do “sucesso” como algo mensurável em notas corrobora com a definição de Gatti (2010), ao elencar os elementos que constituem o “sucesso acadêmico” defendido pelas instituições escolares, relacionando a aprendizagem dos conteúdos curriculares, com ênfase nas competências cognitivas. Os conteúdos são a base para as avaliações que irão aferir o “sucesso” ou “insucesso”, desconsiderando o contexto social dos estudantes, não sendo possível reduzir a escola apenas a aquisição de conteúdos e normas de conduta.

Durante a escuta realizada com esses jovens, todos disseram não terem pais que cursaram o Ensino superior; apenas 2 alunas disseram ter irmãos que concluíram a graduação. Muitos tinham pais que cursaram o Ensino Fundamental e alguns o Ensino médio na modalidade EJA. Assim, a conclusão da escolaridade dos filhos, sem atrasos escolares, acaba sendo um motivo de grande orgulho para os pais.

A percepção sobre o que é ter “sucesso individual” ou “sucesso na vida”, como os alunos costumam se referir, varia pouco de acordo com os cursos. Para os estudantes do Áudio e Vídeo a definição passa por estar bem, ser feliz, ter saúde mental e conquistar os objetivos a que se propuseram. Eles disseram ter potencial para se tornarem “bons alunos”, mesmo os que têm notas acima da média acreditam que há o que melhorar, já que o sucesso seria uma questão de esforço pessoal, de mérito, no entendimento desses alunos. Parecem endossar uma visão de educação que acredita que a meritocracia funciona para formar e revelar talentos, pois pensam que todos têm exatamente as mesmas oportunidades dentro da escola. Parecem também não perceber as razões que fazem com que nem todos os alunos consigam se apropriar dessas “oportunidades iguais”.

Na pesquisa realizada por Soares e Baczinski (2018) sobre meritocracia no sistema escolar, fica evidenciado que há uma crença de que, na escola, o sucesso depende da vontade e do trabalho, mesmo com a presença de evidências mostrando que vários fatores interferem na construção do sucesso ou insucesso escolar do estudante, incluindo o grupo social ao qual ele pertence. Existem estudos que demonstram que os professores dão melhores notas às crianças que explicam seus comportamentos com base em causas internas (suas aptidões, sua personalidade e, especialmente, seu esforço), quando comparadas àquelas que explicam seus comportamentos com base em causas externas (dificuldades, chances, interferência e outros). Este modelo meritocrático permite a

preservação das hierarquias sociais: os estudantes que possuem mais apoio familiar e que demonstram bom comportamento, aceitação das normas escolares e até mesmo melhores condições de investir na escolarização, princípios valorizados pela cultura escolar, tendem a obter “sucesso escolar”. Segundo Soares e Baczinski (2018):

Dessa forma, a meritocracia é utilizada pelas classes dominantes como uma forma de perpetuar-se no poder, aproveitando-se da baixa capacidade crítica dos grupos sociais menos favorecidos, que aceitam essa condição como sendo algo natural e levando-os não só a aceitarem a meritocracia como também a defendê-la. (Soares e Baczinski, 2018, p. 42).

Esse ideário do “sucesso” atravessado pela meritocracia faz parte das concepções escolares, e estão arraigadas nas práticas de professores e nas atitudes e falas dos alunos, como pode ser observado ao longo de toda pesquisa. Esta visão da meritocracia como a propulsora de sucesso figura entre os estudantes de todos os cursos; porém, é mais forte e presente quando a discussão abordava a construção do “sucesso pessoal”.

Nas turmas de Química, as alunas e alunos negros se referiram ao “sucesso” como objetivos alcançados; contudo, o diferencial são os objetivos, que para alguns alunos são atravessados por “dar uma vida melhor para a família”. Como declarou Milene, “*sucesso é ter armário e geladeira cheios*”. A aluna ainda refletiu sobre a situação precária em que sua família estava – com pais desempregados, recebendo ajuda de familiares e vizinhos, e que a situação só teria melhorado em razão da tragédia ocorrida em fevereiro de 2022, quando sua comunidade recebeu doações de alimentos. Sua fala reflete a situação socioeconômica a que estes alunos estão sujeitos; não obstante essas dificuldades, contudo, eles ainda assim pensam em cursar o Ensino superior, acreditando que este será o caminho para uma estabilidade financeira e o “sucesso” será de fato alcançado.

No que tange os estudantes do curso Regular, foi possível perceber certa variação em relação às suas expectativas de futuro. Muitos alunos já trabalham, alguns no setor informal, como 2 meninas que são manicures, 3 meninos que têm ocupações temporárias e 3 outros, uma menina e 2 meninos, que possuem trabalhos formais em empresas e um curso. Todos os estudantes que trabalham apresentam queixas e alegam que a ocupação acaba atrapalhando um pouco os estudos. Como nota Corrochano (2014), referindo-se à superposição de estudo e trabalho:

No Brasil, assim como em outros países da América Latina, a transição para o trabalho depois de finalizada a escolaridade básica não é uma realidade, e duas características importantes marcam a relação entre escola e trabalho no país: o ingresso precoce no mercado e a conciliação ou superposição de estudo e trabalho. Aqui, boa parte dos jovens envolve-se com o trabalho e, especialmente, com os *bicos* desde muito cedo, mobilizando múltiplas estratégias para *ganhar a vida*. Desde os anos 1980, vários estudos já evidenciavam que o processo de expansão do ensino não havia retirado o jovem do mercado de trabalho. É o jovem trabalhador que se torna estudante (Corrochano, 2014, p. 214).

De fato, muitos jovens acabam deixando a escola pela necessidade de trabalhar, como pôde ser notado ao longo da pesquisa. As turmas do ensino Regular do turno da tarde estavam bastante esvaziadas: muito alunos que estavam em busca de trabalho só conseguiram no horário em que estavam matriculados, obrigando-os a abandonar a escola. Como observa Corrochano (2014), a realidade desses jovens é a informalidade, ainda mais se for considerado o contingente de desempregados, que gira em torno de 10,1 milhões de brasileiros segundo os dados do IBGE.

Entre as meninas que tem ocupações informais, há as que são manicures; uma delas, Larissa, que apresenta um bom rendimento escolar, disse que pretende cursar uma faculdade, pois seu irmão mais velho é formado em Administração e a mãe possui Ensino médio completo. A jovem alega que sua família a apoia e quer que ela também curse o Ensino superior. O dado interessante é que para Larissa, sucesso é continuar estudando, ter um bom emprego e se casar, que é compreendido como parte do sucesso para a jovem. O casamento, entre as meninas evangélicas, é algo muito importante e denota sucesso pessoal; para outras 2 entrevistadas que professam a mesma fé, o casamento também surgiu na conversa como uma das conquistas e uma maneira de ser “bem-sucedida”.

Em seu livro *Para educar crianças feministas*, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2017), reflete sobre como o casamento é socialmente percebido como uma forma de realização: “Nunca fale do casamento como uma realização. Encontre formas de deixar claro que o matrimônio não é uma realização nem algo a que ela deva aspirar. Um casamento pode ser feliz ou infeliz, mas não é realização” (Adichie, 2017, p. 16). Em sua crítica a autora ressalta o fato de que o casamento é considerado uma forma de obter “sucesso” para as mulheres, mas não para os homens.

Todas essas formas de “sucesso” discutidas ao longo desta seção demonstram que não há uma única possibilidade de sucesso para os estudantes negros dos meios populares; estes olhares variam de acordo com a estrutura familiar e as relações sociais estabelecidas em cada grupo. Um dado relevante extraído de nossas conversas com esses estudantes é que seus pais desejam que eles tenham uma situação econômica melhor do que a que tiveram e, por isso, acreditam que a educação é um meio de ascensão social. Como foi constatado por Lahire (2008) em suas pesquisas:

Nosso estudo revela claramente a profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma “omissão” ou uma “negligência” dos pais. Quase todos os que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos “sair-se” melhor do que eles (Lahire, 2008, p. 334).

As famílias oferecem o que é possível aos seus filhos. As alunas e alunos foram unânimes em suas falas, afirmando que suas famílias enxergam a escola como uma possibilidade de futuro –

principalmente aquelas que acreditam que ter um emprego com mais dignidade e melhores salários só é possível por meio da escolarização.

As professoras, a estrutura escolar e o sucesso dos jovens estudantes negros

Uma das questões levantadas durante nossas conversas foi a respeito do papel dos professores em suas trajetórias escolares. Houve uma convergência de perspectivas, pois todos disseram que o comportamento e a forma como os docentes se relacionam com as turmas interfere em seus resultados escolares.

De acordo com os jovens, há professores que investem nos estudantes que apresentam bom rendimento e não dão oportunidade ou atenção aos alunos com mais dificuldades. Houve relatos sobre docentes que além de não tratá-los de maneira adequada, ainda dizem que eles não conseguirão ir além do Ensino médio, pois são desinteressados e não se dedicam o suficiente. Para esses estudantes, o comportamento desses professores acaba interferindo de forma negativa no desempenho dos alunos, pois *“a gente acaba sentindo um bloqueio com a matéria e perde a vontade de estudar”*.

Os estudantes afirmaram não ver racismo nas atitudes desses professores mais ríspidos e menos compreensivos, pois esses docentes, segundo os jovens, teriam o mesmo comportamento com alunas/os negras/os e alunas/os brancas/os. No entanto, nas conversas realizadas com as professoras, 3 das 5 entrevistadas disseram observar atitudes racistas nos docentes e constrangimento por parte das/os alunas/nos.

É interessante considerar esse dado à luz da pesquisa realizada por Silva et al (1997), que demonstra que o racismo é frequentemente escamoteado nas relações escolares e a discriminação negada tanto por docentes quanto discentes. Para os professores que participaram do estudo, à época, falar de discriminação soava de maneira preconceituosa; era “normal” pensar que discutir o racismo só aumentaria os casos de preconceito e discriminação racial. E o que mais impressionou em nossa pesquisa foi perceber que essas ideias, reveladas nos anos de 1990, ainda são recorrentes entre os docentes. Há professores que continuam afirmando a inexistência de discriminação racial na escola e que não há desigualdade de oportunidades entre negros e brancos. E mais: que as questões raciais não incidem sobre o rendimento dos alunos, pois negros e brancos são vistos da mesma forma. Analisar essas crenças auxilia na compreensão de “sucesso” defendida pela escola de maneira geral.

Na cultura escolar o “sucesso” é balizado pelas categorias de excelência construídas e aferidas por meio das avaliações. Desse modo, as instituições definem quem obteve êxito ou fracassou com base nestes instrumentos, em sua escala de conceitos ou notas. Esta interpretação do “sucesso” não é uma exclusividade do Colégio onde a pesquisa foi realizada e se estrutura assim em grande parte das instituições de ensino. Em muitos momentos, observando a dinâmica do Colégio, foi possível perceber o quanto a cultura das avaliações define quem são os alunos de “sucesso”, quem deve ou não progredir. Porém, ao entrevistar as 5 professoras que lecionam nos 3 cursos, esta concepção de “sucesso e aluno de sucesso” se apresentou de formas distintas.

As entrevistas foram realizadas com 5 mulheres de meia idade (entre 45 a 55 anos), com muita experiência no magistério em instituições públicas. Sendo Helena branca, docente de Língua portuguesa e disciplinas técnicas do AV; Cássia, mulher preta, docente de Biologia nos cursos Regular e AV; Ana, mulher preta, que leciona Biologia e Química, nos cursos de Química e no Regular; Sandra mulher parda habilitada em Língua portuguesa, mas leciona a disciplina Projeto de vida no Regular e A V. Apresentar e racializar as professoras é importante na compreensão de muitos pontos de vista das docentes.

Essas docentes compreendem que um “bom aluno”, ou “aluno de sucesso”, não é necessariamente aquele que consegue os melhores resultados nas avaliações. A perspectiva de “sucesso” trazida por essas professoras não diz respeito às notas e avaliações que os critérios de excelência escolar determinam – mesmo sendo necessário que as provas e testes sejam aplicados para cumprir as normas escolares. Durante as entrevistas, 3 das 5 professoras disseram não concordar com a diretriz estadual que preconiza, na realização dos conselhos de classe, que os alunos destaque sejam apontados. Segundo as docentes, o que ocorre na reunião deliberativa é que os professores definem os destaques não pela evolução demonstrada pelos estudantes no processo de aprendizagem, mas apenas pelas notas que conquistaram. O critério dessas escolhas, segundo as docentes, acabaria por desmotivar os demais alunos. É importante salientar que esses “destaques” são definidos pelos docentes das disciplinas com maior prestígio social (Matemática, Física e Língua portuguesa, entre outras). As disciplinas da área das ciências humanas, que foram ainda mais desprestigiadas na reforma do Ensino médio, são pouco consideradas nessa escolha.

Como vemos, essas questões sugerem que a visão de “sucesso” que ainda predomina entre professores e equipe técnica está relacionada aos resultados. No geral, grande parte dos professores desconsidera o esforço e os avanços no processo de aprendizagem dos estudantes e o que ganha destaque são apenas as notas obtidas. As professoras defenderam uma visão de “sucesso” integrada ao desenvolvimento pessoal do aluno, pensando o quanto ele é capaz de transformar sua vida

positivamente e das pessoas que o cercam. Nessa perspectiva, acreditam que os estudantes conseguirão ter êxito na vida, pois conseguirão ser mais felizes trabalhando naquilo que os satisfaz pessoalmente e economicamente. Mas essa perspectiva não é um consenso na escola: como vimos, os jovens também acreditam que o “bom aluno” ou “aluno de sucesso” precisa necessariamente obter boas notas, ter um comportamento que agrade os professores e deve saber se adequar às regras do jogo escolar, ainda que o conceito de “sucesso” na vida não tenha uma relação direta com esta visão.

Outro dado que merece destaque é que todas as professoras entrevistadas culpam a família pelo “fracasso escolar”, que seria decorrente da falta de atenção dispensada à educação dos filhos, aliada à pouca cultura letrada familiar e aos problemas sociais. Essas afirmações são feitas sem que haja uma reflexão do papel dos professores e dos demais agentes escolares na perpetuação do insucesso entre os alunos negros das classes populares. Em sua pesquisa, Lahire (2008) constatou o mesmo processo de culpabilização das famílias pelos resultados insatisfatórios dos estudantes, sem que houvesse uma reflexão crítica, por parte dos docentes, acerca do papel da escola nesses resultados. Estudos realizados por pesquisadores brasileiros como Louzano (2013), demonstram que a falta de uma perspectiva mais crítica por parte dos docentes acerca do racismo estrutural contribui para perpetuar o infundável ciclo de “fracasso escolar” de estudantes negras e negros em todas as etapas da Educação básica.

Considerações finais

Como vimos, pode-se dizer que “sucesso” e “fracasso” são categorias que caminham juntas, não sendo possível desvincular essas categorias em nossas análises.

Segundo Bourdieu (2007), o capital cultural é um “ter que se tornou ser, uma propriedade que faz parte do corpo se tornando parte da pessoa, um *habitus*” que acaba integrando o modo de existir desses alunos, fazendo com que eles também valorizem a escolarização e as possibilidades que ela irá trazer para suas trajetórias sociais. Nesse processo, os estudantes que conseguem obter capital social por meio das relações que estabelecem, em muitos casos, são capazes de convertê-los em capital cultural, que volta a incidir nos resultados escolares. Como revelou a pesquisa, essa rede de relações pode ser estabelecida com agentes do espaço escolar e agentes externos a ele, possibilitando criar vínculos duráveis que poderão ser reconvertidos, ao longo do tempo, em mais capital cultural e/ou econômico. Esse investimento em capital social pode garantir direitos institucionalizados ou mesmo oportunidades educativas.

Sucesso é ser alguém na vida: repensando juventudes, racismo, e sucesso escolar

Outro dado relevante apontado pela pesquisa é que todas as alunas e alunos negros com bons rendimentos possuem pais com Ensino médio completo, possuindo capital cultural institucionalizado (diplomas), fato este que incide positivamente nas trajetórias de sucesso desses estudantes.

Referências

- ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BOURDIEU, P. O capital social- notas provisórias. In: CATANI, A. NOGUEIRA, M. A. (org.). 2007.
- CORROCHANO, M. C. Jovens no Ensino Médio: Qual o lugar do trabalho? In: DAYRELL, J. CARRANO, P. MAIA, C. L. (Orgs.). **Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 101- 134.
- GONÇALVES E SILVA, P. B. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**. v.9, n. 2, p. 161- 187, 2015.
- LAHIRE, B. **Sucesso Escolar nos Meios Populares, as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2008.
- LOUZANO, P. Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos. **Cadernos Cenpec**. São Paulo. V.3, n. 1, p. 111- 133, jun. 2013.
- MARCELINO, S. R.S. **Racismo e (in)sucesso escolar: percepções e vivências escolares de adolescentes dos anos finais do ensino fundamental II**. Tese de doutorado- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2019.
- OLIVEIRA, R. Juventude negra e Ensino Médio: Uma discussão para a agenda das políticas afirmativas. **Revista E- Curriculum**, São Paulo, PUC, 2015, v.13, nº 2, p. 309 a 330.
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia**. 4ª ed. Revisada e aumentada- São Paulo- Intermeios, 2015.
- PIOTTO, D; NOGUEIRA, M. A. Um balanço do conceito de capital cultural: contribuições para a pesquisa em educação. **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. 1-35, 2021.
- RODRIGUES, G. F. **“ESTRANHOU O QUÊ? PRETO PODE TER O MESMO QUE VOCÊ”**: Um estudo sobre trajetórias escolares de estudantes negras e negros do Ensino médio de um Colégio da rede estadual em Petrópolis/RJ. 2022. (Tese de Doutorado) – Universidade Católica de Petrópolis, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Petrópolis, 2022.
- SILVA, S. M. da; CANDAU, V.M. F. **A criança negra no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro 2009. 161. Dissertação de mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Gerusa Faria; BARRETO, Débora Breder.

SILVA et al. De como a escola participa da exclusão social: trajetória de reprovação das crianças negras. In: ABRAMOWICZ, A. & MOLL, J. (orgs.) **Para além do fracasso escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. p. 27- 46.

SOARES, K. da S.; BACZINSKI, A. V. de M. A meritocracia na educação escolar brasileira. **Temas e Matizes**. [S. I.], v. 12, n. 22, p. 36- 50, 2018.

Submetido em: 21 de junho de 2023.

Aprovado em: 19 de julho de 2023.

Publicado em: 30 de agosto de 2023.